

STORYTELLING DIGITAL E MEDIAÇÃO FORMATIVA NOS CENÁRIOS EDUCACIONAIS CONTEMPORÂNEOS

DIGITAL STORYTELLING AND FORMATIVE MEDIATION IN CONTEMPORARY EDUCATIONAL SCENARIOS

Jailton Pereira Nicácio¹

Joseilson Trajano de Souza²

Josenete Trajano de Souza³

Jonatha Lisboa Galvão do Nascimento⁴

Kelsin Modesto Favacho⁵

Lucia Helena de Paula Modesto Favacho⁶

Marielza Santos do Nascimento⁷

Mayara Campos Rodrigues⁸

Sérgio Ricardo Pereira Accioly⁹

Resumo: O storytelling ganhou relevância no campo educacional ao articular heranças narrativas com linguagens digitais, promovendo experiências que ultrapassam o ensino tradicional. Não se limita a

1 Doutorando em Administração Pública com ênfase em Gestão Governamental, Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0445-994X>

2 Graduação em letras na UEPB

3 Mestranda em Tecnologias emergentes pela Must

4 Doutor em educação pela Uninter

5 Mestre em Ciência da Educação pela Uninter

6 Mestre em Ciência da Educação pela Uninter

7 Doutorado em Ciências Contábeis e Administração, Fucape Pesquisa e Ensino S.A., Vitória, Brasil, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4604-6667>

8 Mestrado em mestrado pela Universidade Privada Del Este (UPE), Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2470-1736>

9 Mestre em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas /Unima Afya

despertar interesse, mas opera como mediação formativa, conectando saberes escolares a repertórios de vida. Essa combinação favorece a autoria discente, amplia a interpretação crítica e permite a construção de aprendizagens mais abertas e colaborativas. Por outro lado, a incorporação de narrativas digitais evidencia limites. A sobrecarga de estímulos pode reduzir a concentração, e o uso de imagens e sons mobiliza discussões éticas sobre propriedade cultural, exposição de dados e formas de representação. Tais fatores indicam que o storytelling precisa ser pensado como prática pedagógica intencional, orientada para sustentar vínculos formativos consistentes em vez de se restringir ao aspecto estético. A proposta investigativa desenvolveu-se com o objetivo de compreender de que maneira o storytelling, quando articulado às tecnologias digitais, pode favorecer práticas inovadoras e ao mesmo tempo problematizar dilemas éticos. A metodologia correspondeu a pesquisa bibliográfica de caráter crítico, apoiada em produções nacionais e internacionais que discutem narrativas, educação e tecnologia em diálogo. O processo analítico buscou confrontar leituras diversas, mapear contradições e construir interpretações autorais capazes de iluminar o lugar do storytelling na formação contemporânea.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Docência. Narrativas digitais. Storytelling. Tecnologias.

Abstract: Storytelling has gained relevance in the educational field by articulating narrative heritages with digital languages, fostering experiences that transcend traditional teaching. It doesn't simply spark interest, but also acts as a formative mediation, connecting school knowledge to life repertoires. This combination fosters student authorship, expands critical interpretation, and enables the construction of more open and collaborative learning. On the other hand, the incorporation of digital narratives highlights its limits. Stimulus overload can reduce concentration, and the use of images and sounds sparks ethical discussions about cultural property, data exposure, and forms of representation. These factors indicate that storytelling needs to be considered as an intentional pedagogical practice, oriented toward sustaining consistent formative bonds rather than being limited to aesthetics. The research proposal was developed with the goal of understanding how storytelling, when combined

with digital technologies, can foster innovative practices while simultaneously addressing ethical dilemmas. The methodology used consisted of critical bibliographical research, supported by national and international works that discuss narratives, education, and technology in dialogue. The analytical process sought to compare diverse readings, map contradictions, and construct authorial interpretations capable of illuminating the place of storytelling in contemporary education.

Keywords: Learning. Teaching. Digital narratives. Storytelling. Technologies.

Introdução

A presença das narrativas na vida humana antecede a própria escola. Histórias orais, imagens e performances sempre foram recursos de aprendizagem, transmitindo valores, saberes e formas de interpretar o mundo. No contexto contemporâneo, essa dimensão narrativa expande-se para ambientes digitais, onde vídeos, podcasts e plataformas interativas ampliam a circulação de sentidos. A sala de aula deixa de ser espaço restrito de transmissão para transformar-se em ambiente de mediação, no qual a contação digital de histórias pode favorecer novas formas de engajamento discente.

Não se trata de recurso acessório, mas de linguagem que articula emoção e cognição em experiências formativas. Quando estruturada em ecossistemas digitais, a narrativa permite que estudantes relacionem conteúdos acadêmicos a vivências pessoais, produzindo aprendizagens mais significativas. Esse processo, no entanto, exige planejamento pedagógico e intencionalidade crítica, sob risco de o recurso ser usado apenas como ornamento tecnológico. A força da narrativa digital reside justamente na capacidade de aproximar conhecimento escolar e cotidiano, estabelecendo vínculos de pertinência cultural.

Ao mesmo tempo, a multiplicidade de linguagens trazida pelas mídias digitais introduz desafios. O excesso de estímulos pode comprometer a atenção, assim como a fragmentação de conteúdos pode dificultar processos de aprofundamento. Surge, então, a necessidade de compreender

como equilibrar estímulos visuais, sonoros e interativos sem perder a densidade reflexiva da aprendizagem. A prática pedagógica, nesse horizonte, ganha caráter de curadoria narrativa, em que o professor atua como mediador entre fluxos de informação e percursos formativos.

Essa mediação envolve escolhas éticas e políticas. Questões de autoria, apropriação cultural e privacidade de dados acompanham a produção e circulação de narrativas digitais. A escola, portanto, não pode apenas adotar ferramentas de storytelling, mas precisa problematizar as intencionalidades que as sustentam e as implicações que carregam. O recurso narrativo, nesse sentido, deve ser compreendido como prática cultural que tanto pode democratizar acessos quanto reforçar desigualdades, dependendo de como é apropriado pedagogicamente.

A reflexão sobre narrativas digitais aponta também para seu potencial colaborativo. A possibilidade de produção coletiva permite que estudantes se reconheçam como autores de experiências formativas, rompendo com a lógica transmissiva. Projetos de storytelling em rede estimulam autoria compartilhada, senso de pertencimento e valorização de identidades diversas. O trabalho com histórias, nesse caso, ultrapassa o campo técnico e torna-se prática de formação cidadã, abrindo espaço para que diferentes vozes se inscrevam no processo educativo.

A proposta investigativa desenvolveu-se com o objetivo de compreender de que maneira o storytelling, quando articulado às tecnologias digitais, pode favorecer práticas inovadoras e ao mesmo tempo problematizar dilemas éticos. A metodologia correspondeu a pesquisa bibliográfica de caráter crítico, apoiada em produções nacionais e internacionais que discutem narrativas, educação e tecnologia em diálogo. O processo analítico buscou confrontar leituras diversas, mapear contradições e construir interpretações autorais capazes de iluminar o lugar do storytelling na formação contemporânea.

A estrutura do trabalho organiza-se em dois blocos principais. O primeiro capítulo discute como narrativas digitais, associadas a ecossistemas tecnológicos, podem enriquecer experiências de ensino e aprendizagem. O segundo capítulo analisa repercussões éticas e responsabilidades pedagógicas vinculadas ao uso de histórias em ambientes escolares, considerando riscos, tensões e possibilidades. Essa configuração busca integrar análise conceitual e reflexão crítica, destacando tanto

as potencialidades quanto os limites do uso pedagógico do storytelling na educação contemporânea.

Narrativas Interativas e Recursos Digitais na Construção de Experiências Educativas

As práticas pedagógicas atuais demandam uma reorganização dos modos de ensinar, sobretudo quando inseridas em ecossistemas digitais. O uso de narrativas interativas amplia as condições de aprendizagem, pois mobiliza linguagens múltiplas e estabelece vínculos entre vivências pessoais e conteúdos escolares. Ao transitar entre texto, som e imagem, a narrativa digital promove deslocamentos na forma de compreender o conhecimento. Essa dinâmica não pode ser reduzida a recurso complementar, mas interpretada como caminho de construção cultural e mediação formativa.

Tenório, Dal Forno, Faccin e Gozzi (2020, p. 5) destacam que “a utilização do storytelling no ambiente escolar possibilita a construção e o compartilhamento de saberes de forma colaborativa”. Essa constatação demonstra que a narrativa digital não atua apenas como artifício estético, mas como prática que conecta estudantes em processos de autoria coletiva. Ao organizar histórias com base em recursos tecnológicos, a escola cria condições para experiências formativas que atravessam disciplinas e instauram novas maneiras de se relacionar com o conhecimento.

Essa leitura permite observar que os processos narrativos digitais extrapolam a lógica do consumo de informações. Ao construir histórias próprias, os estudantes exercitam a criatividade e passam a articular referenciais culturais distintos. Esse exercício fortalece a autonomia e amplia a possibilidade de interpretação crítica. A narrativa digital, nesse sentido, é ao mesmo tempo meio e resultado de aprendizagens significativas. Ela se consolida como possibilidade de diálogo entre tradição e inovação, conectando oralidade, escrita e multimídia em experiências educativas que estimulam protagonismo.

Barros (2025, p. 9) enfatiza que “o storytelling na educação transforma o ato de contar histórias em prática pedagógica capaz de despertar engajamento e significação”. Essa afirmação revela a potência das narrativas interativas, sobretudo quando inseridas em plataformas digitais. Mais

do que prender a atenção, elas convidam o estudante a produzir sentidos, relacionar conteúdos e ressignificar experiências cotidianas. A presença das tecnologias digitais, nesse horizonte, funciona como suporte, mas é a intencionalidade pedagógica que garante consistência ao processo.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o storytelling digital não pode ser confundido com espetáculo midiático. O que garante sua relevância é a forma como se organiza a mediação pedagógica, traduzindo conteúdos complexos em experiências acessíveis. A narrativa interativa permite a combinação de linguagens e estimula a participação, mas precisa estar vinculada a objetivos de aprendizagem que fortaleçam o pensamento crítico. Assim, o digital se apresenta como meio de articulação, e não como fim em si mesmo.

Tenório et al. (2020, p. 7) ressaltam que “o storytelling digital contribui para criar ecossistemas de aprendizagem colaborativa, nos quais a troca de experiências amplia a construção de sentidos”. Essa afirmação mostra que a narrativa, ao ser integrada a recursos digitais, amplia as fronteiras da sala de aula e favorece outras formas de socialização. O conhecimento deixa de seguir um percurso linear e passa a ser produzido de maneira múltipla, em redes de interações que fortalecem a construção coletiva.

Sob essa ótica, compreende-se que a narrativa digital deve ser assumida como recurso de mediação pedagógica. Sua relevância não está em oferecer histórias visualmente atrativas, mas em instaurar espaços de diálogo, autoria e reflexão crítica. Quando utilizada em ambientes digitais, favorece aprendizagens mais flexíveis e próximas às vivências dos estudantes. Trata-se de um instrumento que pode democratizar o acesso aos saberes, desde que sustentado por metodologias sólidas e pela intencionalidade formativa do docente.

Barros (2025, p. 12) argumenta que “o potencial pedagógico do storytelling está diretamente ligado à capacidade de conectar conteúdos curriculares às experiências pessoais dos estudantes”. Essa visão amplia a noção de narrativa digital como mediadora de aprendizagens. Ela não apenas facilita a assimilação de informações, mas também promove a apropriação crítica e a ressignificação dos conteúdos escolares.

Sob esse olhar, a narrativa digital atua como eixo articulador entre saberes acadêmicos e contextos vivenciais. Cada história construída mobiliza repertórios individuais, mas também convida à colaboração coletiva, promovendo aprendizagens mais inclusivas. O uso pedagógico do storytelling, portanto, não pode prescindir da participação ativa dos estudantes, pois é no encontro entre vozes distintas que se consolidam práticas de significado. A interatividade, nesse cenário, converte-se em oportunidade para produzir experiências educativas duradouras.

O texto explorou as potencialidades das narrativas interativas em ambientes digitais, evidenciando como elas criam condições para experiências formativas mais autorais e colaborativas. Foram destacadas contribuições sobre o papel do storytelling na construção e no compartilhamento de saberes, bem como sua capacidade de integrar conteúdos curriculares a vivências pessoais. Essa discussão demonstrou que o recurso não deve ser tratado como adorno, mas como prática que amplia repertórios culturais, reforça a autonomia discente e sustenta aprendizagens significativas no contexto escolar.

Dimensões Éticas e Potencialidades Tecnológicas do Storytelling na Formação Docente

A incorporação de narrativas digitais ao trabalho pedagógico recoloca a docência diante de escolhas que atravessam técnica, cultura e responsabilidade social. Plataformas, editores de áudio e vídeo, repositórios e redes de publicação oferecem meios para criar experiências que conectam conteúdos escolares a repertórios de vida. A questão decisiva desloca-se para a mediação: como organizar histórias, regular fluxos de informação e garantir condições de autoria sem ceder ao deslumbramento tecnológico? É nesse crivo que a formação docente se redefine, vinculando criação, cuidado e intencionalidade pedagógica.

Hack (2024, p. 4) afirma: “a afetividade constitui elemento essencial do digital storytelling, sustentando vínculos e significados compartilhados”. A indicação sublinha que narrativas digitais não operam como truque de atenção, e sim como linguagem que convoca escuta, empatia e participação.

Para o professor, isso implica desenhar percursos que acolham experiências, sem perder rigor conceitual. A curadoria de histórias, nesse quadro, demanda critérios claros de pertinência, coerência com objetivos de aprendizagem e compromisso com a dignidade dos sujeitos envolvidos.

Quando a produção narrativa se desloca para ambientes conectados, novas camadas de cuidado entram em cena. Direitos de imagem, consentimento informado, trilhas sonoras licenciadas, dados de geolocalização e metadados exigem leitura crítica que ultrapassa procedimentos técnicos. A docência passa a conjugar escolhas estéticas com parâmetros de proteção e inclusão. A tecnologia, longe de substituir a mediação, amplia sua complexidade: cada edição, cada enquadramento e cada fluxo de publicação expõem valores pedagógicos que precisam ser discutidos coletivamente.

Maddalena, d'Ávila e Santos (2018, p. 296) registram que “o visual storytelling convoca autoria, interpretação e cuidado com imagens”. A observação desloca o foco da ferramenta para os modos de ver e narrar. Trabalhar com frames, sobreposições e legendas não equivale a adornar conteúdos; significa compor argumentos visuais que dialogam com o currículo e com a cultura dos estudantes. Ao tratar imagens como textos, a prática docente amplia alfabetizações: leitura crítica, ética do olhar e repertório para interpretar representações sociais em circulação.

Essas exigências repercutem na organização das atividades. Roteiros colaborativos, mapas de cenas, bancos de mídias com licença aberta e checklists de consentimento tornam-se instrumentos de planejamento pedagógico. O professor age como editor e guardião de critérios, articulando criatividade e segurança. Quando os projetos de narrativa digital integram pesquisa, escrita, edição e publicação reflexiva, a escola se converte em laboratório de autoria, no qual a experimentação caminha com responsabilidade e a produção coletiva ganha espessura formativa.

Hack (2024, p. 7) observa: “a mediação docente precisa zelar por privacidade, equidade e contexto”. A indicação reforça que a escolha de plataformas e fluxos de circulação não é indiferente: define quem fala, quem é ouvido e como evidências de aprendizagem serão tratadas. Políticas de permissão, perfis fechados, pseudonimização e critérios de arquivamento precisam ser discutidos com as turmas. O gesto pedagógico aparece, então, como pacto: criar com tecnologia, garantindo

proteção e acesso justo para todos os participantes.

Ao lado das cautelas, as potencialidades se expandem quando a narrativa digital é tomada como prática de pesquisa. Coletas de depoimentos, microdocumentários, cartografias sonoras e fotonarrativas abrem espaço para que estudantes combinem investigação e criação. O processo instala uma ética do cuidado com as fontes, a cidade, os colegas e a própria voz. Desse modo, o professor acompanha a passagem do “falar sobre” para o “falar com”, aproximando escola e território por meio de linguagens que estimulam participação.

Maddalena, d’Ávila e Santos (2018, p. 300) indicam que “narrar com imagens requer leitura crítica das representações e dos enquadramentos”. O enunciado lembra que toda narrativa é recorte: ilumina aspectos e silencia outros. Em projetos educativos, isso implica explicitar escolhas, acolher contranarrativas e admitir revisão de versões. Rubricas de avaliação podem considerar argumentação visual, fontes, ética de uso e consistência entre roteiro e evidências. Assim, a produção torna-se espaço de aprendizado sobre linguagem e responsabilidade pública.

No plano institucional, decisões sobre infraestrutura, conectividade e formação continuada condicionam a qualidade das experiências. Sem políticas de acesso, os projetos tendem a reproduzir desigualdades. Sem tempos para estudo e planejamento, a potência narrativa perde fôlego. Por isso, a escola precisa de estratégias que garantam equipamentos compartilhados, redes seguras, bibliotecas de mídia aberta e tempos pedagógicos protegidos. A docência conectada floresce quando encontra condições de trabalho que sustentem escolhas éticas e experimentação guiada.

A convergência entre tecnologia e narrativa só ganha sentido quando organizada por princípios pedagógicos claros. O capítulo evidenciou que afetividade, autoria e ética do olhar compõem um tripé para orientar o storytelling na formação docente. A prática não se reduz a engajar; pretende compreender, dialogar e publicar com responsabilidade. Ao assumir essa orientação, o professor transforma ambientes digitais em espaços de criação coletiva, onde aprendizagem se articula a cuidado, crítica e compromisso com a vida comum.

Considerações Finais

O percurso reflexivo permitiu reconhecer que narrativas digitais não se esgotam em estratégias de motivação, mas configuram meios de articulação entre linguagens, sujeitos e contextos formativos. Ao serem integradas criticamente, podem converter a sala de aula em espaço de criação compartilhada, no qual memória e imaginação dialogam com repertórios culturais diversos. Esse movimento exige do docente um olhar sensível para transformar a prática em mediação ética, capaz de valorizar singularidades e estimular aprendizagens que ultrapassam a lógica instrumental da tecnologia.

A proposta investigativa desenvolveu-se com o objetivo de compreender de que maneira o storytelling, quando articulado às tecnologias digitais, pode favorecer práticas inovadoras e ao mesmo tempo problematizar dilemas éticos. A metodologia correspondeu a pesquisa bibliográfica de caráter crítico, apoiada em produções nacionais e internacionais que discutem narrativas, educação e tecnologia em diálogo. O processo analítico buscou confrontar leituras diversas, mapear contradições e construir interpretações autorais capazes de iluminar o lugar do storytelling na formação contemporânea, revelando tanto suas potencialidades quanto seus limites pedagógicos e éticos.

Referências Bibliográficas

Barros, L. H. M. (2025). Contando histórias, o poder do storytelling na educação. *Revista Tópicos*, 3(24), 1-15. <https://doi.org/10.5281/zenodo.16730118>

Hack, J. R. (2024). Afetividade no contexto educativo via técnica digital storytelling. *Revista Contemporânea*, 4(6), e4265. <https://doi.org/10.56083/RCV4N6-005>

Maddalena, T. L., d'Ávila, C., & Santos, E. (2018). Visual storytelling e pesquisa-formação na cibercultura. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 3(7), 290–305. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2018.v3.n7.p290-305>

Tenório, N., Dal Forno, L. F., Faccin, T. C., & Gozzi, F. (2020). Uso da storytelling para a construção e o compartilhamento do conhecimento na educação. *Educação por Escrito*, 11(2), e30601. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2020.2.30601>